

A prática educativa na educação infantil: organização do tempo/espaço

Nájela Tavares Ujiie*
Sandra Regina Gardacho Pietrobon**

Resumo

O artigo ora apresentado tem por prerrogativa subsidiar a compreensão da importância da organização do tempo e do espaço para o contexto da educação infantil, enfatizando a questão da estruturação da rotina diária, que é elemento essencial para o fazer pedagógico do educador da infância e favorece a formação da segurança e confiança na criança, uma vez que esta percebe que a dinâmica e a prática educativa seguem um norte, no qual as atividades acontecem numa sucessão de tempo (antes, durante e depois) e com encadeamento singular.

Palavras-chave: Educação infantil. Prática educativa. Tempo. Espaço.

Introdução

A educação infantil, compreendida por creche e pré-escola, a partir da Constituição Federal (1988), passa a integrar o sistema educacional brasileiro como primeira etapa da educação básica. A partir de então se iniciam as discussões e formulações de propostas e proposituras para a educação da infância no país, entre as quais temos as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (1998) de caráter obrigatório, e o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), de caráter alternativo e flexível.

* Professora do Departamento de Pedagogia da Unicentro, Campus de Irati. Mestranda do Programa de Mestrado em Educação da UEPG, na linha de pesquisa História e Políticas Educacionais. E-mail: najelaujiie@yahoo.com.br

** Professora do Departamento de Pedagogia da Unicentro, Campus de Irati. Mestra em Educação pela PUC-PR. E-mail: spietrobon@yahoo.com.br

A atual educação infantil passa a trilhar caminhos em busca de estratégias capazes de garantir o cuidar e o educar da infância, tendo em vista atender às necessidades do corpo e mediar o desenvolvimento sociocultural das crianças desde o nascimento, assegurando-lhes o tripé de direitos que se esboçam para esta etapa da educação, o direito a brincar, criar e aprender.

Assim, quando se pensa em educação infantil, novas tendências se impõem, mudando a visão da infância e dos serviços voltados à criança pequena; surge uma demanda por superar dicotomias (educar x cuidar, criança x aluno, professor x educador da infância, entre outras) e favorecer a integração de um atendimento que priorize a criança em suas múltiplas determinações: aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivos, lingüísticos e sociais.

A instituição de educação infantil se constitui num espaço de socialização por excelência, que cumpre papel de promover o cuidar e o educar da infância, bem como o favorecimento da inserção da criança nas relações éticas e morais que permeiam a sociedade.

Nesse contexto, a organização do espaço, na disposição dos materiais pedagógicos, e o planejamento das atividades educativas, assim como a organização do tempo nas atividades permanentes e em atitudes básicas dos educadores com as crianças, são salutares, pois revelam uma concepção de infância, criança, educação e prática pedagógica.

Organização do tempo e espaço

Ao pensar em tempo e espaço na educação infantil, uma das tarefas fundamentais de um educador da infância é saber organizar um ambiente estimulante e possibilitar às crianças que interagem nesse espaço terem inúmeras possibilidades de ação ampliando, assim, as suas vivências de descobrimento e consolidação de experiências e, conseqüentemente, de aprendizagem.

A Educação Infantil possui características muito particulares no que se refere à organização dos espaços: precisa de espaços amplos, bem diferenciados, de fácil acesso e especializados (facilmente identificáveis pelas crianças tanto do ponto de vista da sua função como das atividades que se realizam nos mesmos) (ZABALZA, 1998, p. 50).

A rotina diária nesse contexto representa a estrutura sobre a qual será organizado o tempo didático (educativo), sendo mecanismo importante na estruturação da segurança e da adaptação infantil. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, a rotina é algo de suma importância e “deve envolver os cuidados, as brincadeiras e as situações de aprendizagens orientadas” (BRASIL, 1998, p. 54).

Em relação ao tempo, existem atividades que envolvem a rotina diária das crianças, como o horário da chegada e da saída, a alimentação, a higiene, o repouso, as brincadeiras, as atividades artísticas, o contar histórias..., as quais são, no cotidiano infantil, ati-

vidades permanentes. Cada atividade proposta precisa contemplar o ritmo das crianças, a faixa etária, suas necessidades, designando um tempo razoável para a efetivação das mesmas.

O conjunto de atividades é muito variado. Podem-se propor, de acordo com Barbosa e Horn (2001), atividades diversificadas para livre escolha (as crianças escolhem o que querem fazer: brincadeiras, jogos, casa de bonecas); atividades opcionais (aproveitar o interesse da criança por algo: passeios, visitas, festas comemorativas, visitas de pessoas da comunidade); atividades coordenadas pelo adulto (propostas ao grupo, trabalham-se a atenção, concentração, capacidade de atender a uma solicitação: construção do planejamento das atividades do dia, jogos, brincadeiras de roda, coleta de dados e informações, entrevistas, passeios, organização da sala...). Todos esses momentos podem ser educativos, como também de cuidados, auxiliando a criança no desenvolvimento da sua autonomia e independência.

Nesse sentido, Garms (s. d.) refere que, para atender à necessidade de organização e às demandas das crianças de auto-expressão, comunicação, pesquisa (criar, agir, conhecer), é aconselhável que a sala de aula seja dividida em áreas ou cantinhos, os quais oportunizam a realização do trabalho infantil. A autora divide a organização do espaço em três áreas: movimentada, semimovimentada e tranqüila.

A área movimentada corresponde ao espaço organizado para atividades interativas de ação e movimento, como

a casinha de boneca (boneca, roupas, utensílios de casa etc.), o espaço musical (todo tipo de objeto que produza som, alguns instrumentos musicais e CDs diversos), o canto da construção (blocos de madeira, sucata, brinquedos de montagem etc.).

Na área semimovimentada estão as atividades que envolvem tanto a ação quanto a atenção. É um espaço de socialização, vivências e experiências. Aqui se encontram a roda de conversa (planejamento e avaliação das atividades diárias, histórias, jogos de adivinhação, relatos de experiência, poesias etc.), as artes plásticas (desenho, pintura, modelagem, recorte, colagem, dobradura etc.), como também os jogos e brinquedos pedagógicos (quebra-cabeça, dominós, baralho, entre outros jogos que propiciam classificar, seriar e correlacionar quanto a tamanho, forma, cor ou outras características que apresente).

A área tranqüila, por sua vez, corresponde às atividades que envolvem concentração e calma, dentre elas a biblioteca (dicionários, álbuns, livros de história, de poesias impressos ou feitos individualmente ou coletivamente pelas crianças etc.), o museu (coleção de animais, insetos, vegetais secos, objetos antigos etc.), os viveiros (plantas, horta, pequenos animais etc.); e, também, o canto do descanso (colchonetes, esteiras, tapetes, almofadas etc.).

Dentro da estruturação dessas áreas temos, portanto, os cantinhos ou ateliês freinetianos, tão bem explicados por Elias (1996), na organização da obra *Pedagogia Freinet: teoria e prática*. Assim:

A disposição material da *classe Freinet* é por si só um convite à comunicação e ao trabalho. A sala é dividida em cantos, cada um correspondendo a um *atelier* de trabalho. Tais cantos são definidos em função dos objetivos e dos conteúdos fixados para o curso [...]. É a criança que escolhe o cantinho em que vai trabalhar: desenho, escrita, modelagem, pintura, recorte-colagem, jogos de construção, biblioteca, água, matemática, etc. Em cada canto o material necessário para realização de atividades encontra-se disposto de forma que a criança possa utilizá-lo e guardá-lo sem necessitar da ajuda do professor (SANTOS, 1996, p. 36, grifos da autora).

O planejamento das áreas de atividades, a definição de objetivos e conteúdos, bem como a organização do tempo e espaço para realização do trabalho pedagógico na educação infantil, estão a cargo do educador da infância, uma vez que ele é um profissional das relações humanas e tem função determinante no encaminhamento da prática educativa; é o responsável por atividades reguladas por firmeza, segurança e uma relação afetiva positiva com as crianças.

Dentro desse contexto, segundo Bonals (2003), o trabalho pedagógico poderá ser encaminhado de modo individual, grupal, coletivo, diversificado, independente. O autor define tais modalidades de trabalho pedagógico ou educativo da seguinte maneira:

- trabalho individual é um momento em que o aluno realiza atividades por si e o educador tem a oportunidade de conhecê-lo na sua singularidade, bem como o

seu desenvolvimento, dificuldades e dúvidas;

- trabalho grupal é o momento de interação em que os alunos colocam seus conhecimentos e estratégias à disposição dos outros, incorporando novos conhecimentos por meio de contribuições mútuas, realizando uma atividade na qual cada um faz a sua parte;
- trabalho coletivo é um momento de construção cooperativa, crítica e responsável do conhecimento, busca de soluções de interesses comuns;
- trabalho diversificado é um momento de liberdade contextualizada de escolha dentre as atividades determinadas, claras e planejadas;
- trabalho independente é um momento de realização de atividades e tarefas autônomas por parte do aluno, espaço livre de criação, ação e fantasia.

Das modalidades elencadas cada qual tem uma função significativa no processo de ensino e aprendizagem, no tocante à educação e cuidado. Entretanto, existe uma preferência pelo trabalho diversificado nesta primeira etapa da educação básica, pois este pode, sem sombra de dúvida, conjugar em seu âmbito, ou “cantos” diversos, todas as demais modalidades.

Com referência aos cantinhos, estes podem ser organizados como: cantinho dos jogos (quebra-cabeças, jogos diversos), cantinho da leitura (diversos portadores de texto, livros variados e, inclusive, os livros criados pela tur-

ma), cantinho da boneca e/ou fantasia (espelho, peças de vestuário para dramatização, bonecas, chapéus...), cantinho da construção (peças de madeira de formas e tamanhos variados, para o desenvolvimento da criatividade e noções matemáticas); cantinho da pintura no cavalete (posicionado próximo ao varal, deverá ter pincéis, esponja, toalha, avental, cores variadas de tinta guache); cantinho do recorte e colagem (materiais diversos para colagem, potes de cola, pincel, papéis coloridos e cortados previamente); cantinho da modelagem (massa de modelar suficiente para que todos possam criar); cantinho da novidade (relacionada ao conteúdo, algo motivador e estimulante).

O educador tem, portanto, função ímpar na organização dos cantinhos de acordo com os conteúdos a serem trabalhados, e as crianças devem ser orientadas desde o início do ano letivo a cuidar da manutenção e organização dos materiais da sala. Após o término das atividades, devem realizar a arrumação da sala, para que possam prosseguir a rotina diária num ambiente limpo e organizado. O trabalho diversificado só funciona quando existe organização por parte das crianças e do educador da infância, o qual é a racionalidade do processo educativo e o mediador na construção do conhecimento.

Para além do espaço da sala de aula, que é espaço de suma importância, como bem explicitam Mochiutti e Soares (2001), na educação infantil existem outros espaços de suma importância dentro do processo educativo, tais como sala de vídeo, biblioteca, parque, brin-

quedoteca, área externa (pátio, quadra, gramado, jardim, horta, areia etc.). São todos esses espaços permeados pela ação lúdica, isto é, pelo brincar, que é a linguagem própria da infância.

Segundo Devries e Zan (1998), as atividades permanentes e a estruturação do ambiente sociomoral da educação infantil desenvolvem-se em momentos específicos, os quais são planejados pelo educador em consonância com os objetivos de cada fase do desenvolvimento infantil, para a estimulação das linguagens oral e escrita, musical, corporal, matemática, espacial, temporal e artística. Tais atividades ocorrem em momentos pontuais, planejados e organizados, aos quais as autoras denominam como “hora” da roda, da atividade, do lanche, da arrumação, do descanso e do banho. Acrescenta-se a essas a hora da brincadeira, uma vez que se compreende o valor da ação lúdica para o cotidiano formativo da educação infantil.

Nas brincadeiras as crianças transformam os conhecimentos que já possuíam anteriormente em conceitos gerais com os quais brinca. [...] no ato de brincar que a criança estabelece os diferentes vínculos entre as características do papel assumido, suas competências e as relações que possuem com outros papéis, tomando consciência disto e generalizando para outras situações (BRASIL, 1998, p. 27-28).

Nesse aspecto, faz-se importante a compreensão dessas “horas” ou momentos na formação integral da criança, ou seja, na composição da pedagogia da infância.

A “Hora da Roda” tem como objetivo principal o desenvolvimento sociomoral e intelectual da criança. O conteúdo das atividades diz respeito à música, à literatura, às celebrações, aos temas especiais, rotinas tais como lista de chamada, planejamento de passeios, introdução das atividades, estabelecimento de regras, tomada de decisões democráticas e discussão de problemas da turma. A duração recomendada, dentre as faixas etárias, é para crianças menores de três anos (5-10min), de três a quatro anos (10-20min) cinco anos ou mais (30min).

A “Hora da Atividade” talvez seja o período mais importante do dia numa sala de aula, podendo-se dizer que é momento do “Criando Idéias Maravilhosas” (DEVRIES; ZAN, 1998), momento do desenvolvimento do trabalho diversificado e independente por parte das crianças. Trata-se do período no qual estas optam por se envolver em jogos de grupo, jogos de faz-de-conta, atividades de conhecimento físico, recorte e colagem, leitura e escrita, construção com blocos ou artes, entre outras. As atividades devem atrair os interesses e metas das crianças, desafiar seu raciocínio, estimular sua auto-regulagem, construção do conhecimento e cooperação.

Após a “Hora da Atividade” está a “Hora da Arrumação”, que é espaço de promoção do desenvolvimento dos sentimentos, da necessidade moral e responsabilidade das crianças (limpeza e organização). Nesse caso, as autoras destacam que se deve evitar a coerção. O desafio para o educador é

convencer as crianças de modo a criar a disposição para limpar e arrumar.

A transição de uma atividade à outra é algo difícil para a criança, uma vez que esta é emocional e se envolve prazerosamente nas atividades que realiza. O desafio para o educador é descobrir como facilitar a mudança da hora da atividade para a da arrumação, transformando a arrumação e a limpeza numa ação lúdica, num jogo de papéis ao se colocar no lugar do adulto que arruma, ou num jogo de competição: “quem guarda mais rápido?”.

Quanto à “Hora do Lanche”, não é apenas um momento para a satisfação fisiológica da criança, mas é também um espaço de convivência e socialização. Por isso, é importante lembrar às crianças os hábitos de saúde higiene e nutrição; permitir que se sirvam sozinhas; que se sentem onde e com quem desejarem; compartilhem experiências, conversem, e envolvam-se na limpeza do ambiente. Portanto, este é um espaço individual e coletivo.

A “Hora do Descanso”, por sua vez, também é desafiadora à mediação do educador, tornando-se uma hora difícil para muitas crianças, pois não querem abandonar as atividades para dormir (trocar algo divertido x coisa nenhuma). Entretanto, o descanso nessa etapa da vida da criança é de suma importância para a formação orgânica, tendo em vista o crescimento e a oxigenação cerebral. Assim, é salutar a constituição de um ambiente que seja silencioso, tranquilo e arejado (escuro) e com colchonetes confortáveis; pode haver uma música tranquila

(orquestrada ou com sons da natureza) de fundo, a contação de uma história ou, até mesmo, um relaxamento dirigido, respeitando as necessidades fisiológicas e emocionais da criança. Nem todas são obrigadas a dormir caso não queiram, contudo devem ser compreensivas e solidárias ao outro, sendo esta idéia enfatizada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil em seu inciso I, item “a”, formação de: “Princípios Éticos da Autonomia, da Responsabilidade, da Solidariedade e do Respeito ao bem comum” (BRASIL, 1998, p. 10).

A “Hora do Banho” é uma atividade que faz parte dos cuidados essenciais para com o corpo e que também é componente educativo na educação infantil, uma vez que a criança seja vista em perspectiva global.

A rotina do banho pode ser organizada e trabalhada de maneira a oportunizar as crianças o desenvolvimento autônomo de diversas habilidades como despir-se, lavar-se, experimentar a textura e outras qualidades da água, do sabão, da esponja, vestir e calçar a si próprias, além de auxiliar outras crianças, numa dinâmica ativa de construção do conhecimento individual e coletivo (UJIE, 2007, p. 257).

O momento do banho é, assim, para a criança, também oportuno para o desenvolvimento de competências e habilidades múltiplas, estruturação e reconhecimento do esquema corporal.

A ação lúdica, como mencionado anteriormente, permeia todos os espaços e atividades desenvolvidas no âmbito da educação infantil. O brincar é uma forma de linguagem a partir da qual a

criança atua, desenvolve-se e cria seu próprio conhecimento. A “Hora da Brincadeira” é espaço para a ação infantil do brincar, seja ele empreendido no espaço de tempo livre (atividade espontânea, faz-de-conta), seja no tempo dirigido (atividade planejada e educativa), ambas proveitosas e significativas para a formação global da criança.

De acordo com Lima (2003), o brincar é adotado como um laboratório do pensamento infantil constituído por uma linguagem simbólica singular, apoiada em brinquedos, objetos de uso cotidiano, materiais de construção e baseada em regras que estejam diretamente associadas à infância. O brincar funciona como cenário no qual a criança se constitui como sujeito que atua e cria a partir de seu potencial de desenvolvimento, elaborando conhecimento próprio.

A ação lúdica, ou seja, o brincar pode ser desenvolvida tanto no espaço interno (sala de aula) quanto no externo (parque, brinquedoteca, pátio, quadra, gramado, jardim, horta, banco de areia, lanche...). O brincar tem livre trânsito na educação infantil, uma vez que é linguagem própria da infância e é reflexo da mente do brincante em ação em todo e qualquer momento de vivência individual ou coletivo.

Nesse contexto, reafirma-se a importância da organização do tempo e espaço como também do planejamento para uma ação formativa na educação infantil.

Considerações finais

Tendo em vista o atendimento à infância na educação infantil, o binô-

mio cuidar e educar tem função integrada na prática pedagógica do educador. E, no desenvolvimento dessa ação, a organização do tempo/espaço é aspecto primordial na formação global da criança.

A organização do tempo/espaço requer um planejamento diferenciado, tendo em vista os objetivos específicos dessa etapa educativa do desenvolvimento infantil. Possuir clareza no que diz respeito à concepção de criança, infância, educação, ensino-aprendizagem, conteúdos, objetivos, materiais curriculares, finalidades e avaliação é base para o êxito da aprendizagem significativa.

Desse modo, o estabelecimento da rotina diária está sob a responsabilidade do educador da infância, uma vez que este é a racionalidade na relação ensino-aprendizagem, sendo as crianças sujeitos emocionais e afetivos em processo de formação da sua racionalidade e personalidade. O processo é pensado para a criança e em função dela. Para tanto, a organização do tempo/espaço deve atender às demandas infantis.

Uma proposta relevante para a efetivação dessa questão é a organização da sala de aula numa perspectiva freinetiana, como já mencionado, a qual prevê cantos de trabalho ou ateliês. Esta pedagogia propõe a educação pelo trabalho, ou seja, a relação entre intelectualidade e ação, numa abordagem interativa e criativa, tendo o método natural como base da atividade pedagógica. A disposição da classe e dos materiais, por si só, já se torna um convite à criação e livre-

expressão das crianças na realização do trabalho diversificado. À medida que se envolvem nas atividades, as crianças cooperam, dialogam, criam e socializam seus conhecimentos; é um processo de tateios, de experimentações que levam as crianças ao desenvolvimento das suas potencialidades.

Essas experiências são um estímulo para o desenvolvimento da autonomia e da independência infantil, quando orientadas pelos princípios norteadores estabelecidos pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (1998) em três vertentes: princípios éticos, políticos, estéticos. Numa releitura de Oliveira (2006), a visualização desses princípios como preceitos fundamentais à inserção da criança na sociedade é concebida, respectivamente, como solidariedade intelectual e comportamental; senso crítico e formulação de pensamento divergente; sensibilidade empática, artística e cultural. São esses aspectos relevantes na constituição da criança cidadã do mundo.

Assim, tais princípios estão presentes, ou devem estar, na estruturação das atividades permanentes que acontecem no âmbito da educação infantil: hora da roda, da atividade, do lanche, da arrumação, do descanso, do banho e da brincadeira. Entende-se que a forma como se organizam o espaço e o tempo é reflexo dos preceitos educativos e da prática educativa do profissional educador, compreendendo o educador da infância como o professor da turma, mas também, em perspectiva ampla, como todo aquele

que interage com a criança, direção, coordenação, merendeira, servente, auxiliar de desenvolvimento infantil e/ou monitora de creche, e mesmo outra criança. O processo educativo que ocorre nesta etapa é composto, dessa maneira, de relações assimétricas (educador-criança) e relações simétricas (criança-criança), que propiciam o desenvolvimento, formação e socialização infantil.

Nesse contexto, a ação lúdica como linguagem própria da criança permeia o espaço educacional e excede os momentos da “hora da brincadeira”, atividades livres e atividades planejadas pontuais, uma vez que a criança brinca quando toma banho ou come, transformando o sabonete ou os talheres em brinquedo. Segundo Kishimoto (1996), brinquedo é todo e qualquer objeto sobre o qual se debruce a ação interativa e transformadora do brincar, fantasia e imaginação.

O brincar, portanto, é “laboratório da alma infantil” (HUIZINGA, 1980), presença marcante na ação educativa junto às crianças nos diversos “cantos” da educação infantil, que precisa estar ancorada no respeito à individualidade infantil, no modo de criar, pensar, agir, ser e estar no mundo. Partindo desse pressuposto, o educador da infância será aquele que atuará no atendimento a esta demanda. Para tanto, a organização do tempo/espaço é essencial.

Abstract

The teaching practice at the child's education: the time and space's organization

This article intends to present the comprehension about the time and space's organization importance at the child's education context. It discuss the diary routine structure, as a essential element for the teaching practice and favours the child's security, because the children observe that the education has a route, where the activities happen in a time succession (before, during and after) and with a singular chaining.

Key words: Child's education. Teaching practice. Time. Space.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. *Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil*. Secretaria de Educação Básica, 1998. v. 1, 2 e 3.

BRASIL. Conselho Nacional da Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil*. Parecer CEB nº 022/98 aprovado em 17 de dezembro de 1998. Relator: Regina Alcântara de Assis. Brasília, DF, 1998.

BONALS, J. *O trabalho em pequenos grupos na sala de aula*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

BARBOSA, M. S.; HORN, M. G. S. Organização do espaço e do tempo na Educação Infantil. In: CRAIDY, C. M.; KAERCHER, G. E. P. da S. (Org.). *Educação infantil: pra que te quero?* Porto Alegre: Artmed, 2001.

DEVRIES, R.; ZAN, B. *A ética na educação infantil: o ambiente sócio-moral na escola*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

- ELIAS, M. D. C. (Org.). *Pedagogia Freinet: teoria e prática*. Campinas SP: Papirus, 1996.
- GARMS, G. M. Z. *Trabalho diversificado em salas de pré-escola: finalidades e importância*. Mimeografado.
- HUIZINGA, J. *Homo ludens: a brincadeira como elemento da cultura*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- KISHIMOTO, T. (Org.). *Jogo, brinquedo, brincadeira e educação*. São Paulo: Cortez, 1996.
- LIMA, J. M. *O jogar e o aprender no contexto educacional: uma falsa dicotomia*. Tese (Doutorado em Educação) - Unesp, Marília, 2003.
- MOCHIUTTI, S.; SOARES, T. M. G. *O espaço da sala: elemento vital no desenvolvimento e nas interações sociais da criança pequena*. Pará: Núcleo Pedagógico Integrado-UFPA, 2001.
- OLIVEIRA, Z. R. de. *Educação infantil: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2006.
- SANTOS, M. L. dos. A vida na sala de aula freinetiana. In: ELIAS, M. D. C. (Org.). *Pedagogia Freinet: teoria e prática*. Campinas, SP: Papirus, 1996. p. 33-40.
- UJIIE, N. Educar e cuidar, cuidar e educar: desafios da educação infantil. In: MACIEL, M. F. et al (Org.). *Educação e alteridade*. Guaruapuava - PR: Unicentro, 2007. p. 253-260.
- ZABALA, M. *Qualidade em educação infantil*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

Recebido em maio e aprovado em junho de 2007.